



1.5 • Conjuntura Internacional

Os Objectivos Estratégicos do DAESH na Europa

Felipe Pathé Duarte

DAESH É UMA ORGANIZAÇÃO política híbrida que se reifica na violência. Responde a uma estratégia subversiva global de longo prazo, motivada pelos princípios ideológicos do jihadismo, do qual a acção terrorista é apenas uma faceta operacional (Duarte, 2015). Tem ambições geopolíticas concretas, mas que excedem a dimensão de fronteira, actuando em várias frentes de combate. A Europa é apenas mais um dos teatros de operações do DAESH. Aqui, os objectivos da actuação são muito concretos: punir, desestabilizar, polarizar e alterar as dinâmicas políticas.

A punição

Há a intensão de punir os vários países europeus por duas razões. Doutrinalmente, os valores do ocidente representam a máxima inimidade dos professantes do jihadismo. Reside aqui a insuperável divisão entre o *Dar al-islam* e o *Dar al-barb*. Mas a punição também é fruto de se considerar a Europa, à semelhança dos EUA, como o inimigo distante que tem suportado os governantes seculares de países islâmicos que impedem o crescendo do jihadismo: seja ao nível político, diplomático, ou militar (como a coligação que restringe a acção do DAESH na Síria e Iraque).

Esta punição tem-se traduzido num conjunto de ataques terroristas que, fruto da violência que os caracteriza, têm apontado a vulnerabilidade das sociedades europeias. Seja pela dificuldade na identificação e prevenção da ameaça, seja porque a mitigação mais eficaz passa pela alteração de um conjunto de liberdades, direitos e garantias que caracterizam as sociedades europeias como sociedade aberta.

A desestabilização

A violência jihadista na Europa desestabiliza política e socialmente, demonstrando a incapacidade dos Estados e das sociedades na erradicação do fenómeno. A acção terrorista parece ser a arma mais eficaz para este processo.

A facilidade e a aparente aleatoriedade de um atentado disseminam com relativa facilidade o medo – tornando real a possibilidade de qualquer um ser alvo.

Quebra-se assim a confiança, elemento base das sociedades abertas.

A polarização

Perante a punição e a desestabilização exige-se mais ao Estado e, perante a incapacidade de resposta, deslegitima-se a sua actuação.

Neste contexto, há margem para uma generalização identitária que favoreça a identificação do inimigo. Ou seja, os medos gerados pela violência são catalisados na etnicidade ou cultura religiosa dos perpetradores dos ataques.

Esta generalização tipo “bode expiatório” vai criar polarização nas sociedades europeias. Pelo receio de mais violência, geram-se desconfianças, que vão compartimentar as sociedades, abrindo ainda mais o ressentimento.

Estão assim criadas condições para, a longo prazo, haver bolsas para maior recrutamento em nome de uma ideologia que apresenta uma alter-realidade salvífica, mas que implica uma violência transformadora.

Alteração das dinâmicas políticas

É a fase em que se institucionaliza a polarização. É um objectivo estratégico a longo prazo.

A impossibilidade do Estado garantir a mitigação da ameaça leva a que as sociedades ponham em causa o tipo de dinâmicas políticas que têm governado a Europa nas últimas décadas.

“
A aparente aleatoriedade do ataque dá uma consciência total de vulnerabilidade aos cidadãos.
”

É um facto que, progressivamente, fruto do medo e da polarização, fórmulas políticas de carácter mais extremista se têm assomado no espectro político europeu – desde movimentos nacionalistas, até preposições políticas *anti-establishment*.

A alteração das fórmulas políticas é, *in extremis*, a grande vitória jihadista. Por um lado, porque há a influência de um actor não-estatal nos desígnios democráticos dos Estados europeus. Por outro, porque se exacerbam as tensões entre os vários países, causando um forte impacto económico e político.

A consequência será uma reacção defensiva e agressiva, que porá em causa os vários acordos de solidariedade política que garantiram o processo de construção europeu.

A polarização institucionalizada vai encorajar ainda mais a radicalização e a acção violenta. É de lembrar que o jihadismo legitima a sua violência porque, supostamente, a comunidade muçulmana se encontra sobre ataque.

Com a polarização, e a sua institucionalização através da alteração das dinâmicas políticas, esta ideia propagandística pode efectivar-se.

Doutrina operacional

Nos últimos meses assistimos a uma campanha de violência jihadista na Europa.

Em Janeiro de 2015 um comando jihadista tomou de assalto o jornal satírico francês *Charlie Hebdo*, em Paris. Morreram doze pessoas e cinco ficaram gravemente feridas. No mesmo dia, em Paris, e associado aos mesmos ataques, um jihadista toma um supermercado, fazendo reféns e matando quatro pessoas. Em Novembro do mesmo ano, também em Paris, há uma série de atentados coordenados, com explosões e fuzilamentos em massa, em que morreram 130 pessoas, e 352 ficaram feridas.

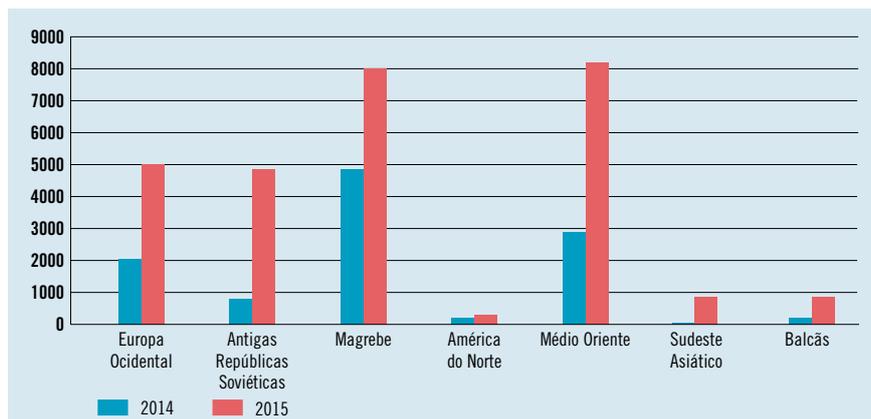
Em Março de 2016, associado a este último ataque, dois comandos jihadistas atentaram contra o metro e o aeroporto de Bruxelas. Morreram trinta pessoas e cerca de 300 ficaram feridas.

A 14 de Julho no centro de Nice um camião abalroou uma multidão que assistia às comemorações da Tomada da Bastilha. Morreram oitenta e seis pessoas e ficaram feridas 307. O ataque foi perpetrado por um tunisino que vivia em França.

Cinco dias depois um refugiado paquistanês atacou um comboio na Alemanha com um machado. Feriu cinco pessoas. Não houve mortes.

A 22 de Julho, um alemão de origem iraniana atacou um centro comercial em Munique, disparando uma arma semiautomática. Morreram dez pessoas e ficaram feridas trinta e quatro.

Cerca de um mês antes, nos Estados Unidos, a 12 de Junho, um americano de origem afegã levou a cabo o atentado no *Club Pulse*, em Orlando, em Junho de 2016. Morreram cerca de cinquenta pessoas.



Crescimento dos “Combatentes estrangeiros” Fonte: The Soufan Group (2015: 20)

DINÂMICAS DA 'ORDEM ISLÂMICA'

A longo prazo, há quatro objectivos gerais: a alteração da ordem internacional; a governação pelos princípios ideológicos do jihadismo; a transformação da sociedade muçulmana; e, por fim, a restauração do califado universal.

É a imposição de uma certa "ordem islâmica", uma vez que a total adesão aos princípios do jihadismo implica preceitos políticos de governação e a prática de princípios corânicos a todos os níveis da sociedade.

A curto prazo há dois objectivos gerais: a retirada das forças e influências ocidentais (aliança judaico-cristã e os seus agentes) de lugares muçulmanos e a extensão da luta aos países de governo secular da região (e a consequente substituição das suas lideranças). No fundo procura-se dominar os Estados. Para isso é crucial a criação de uma plataforma territorial governada pelos princípios ideológicos jihadistas. Daqui possibilita-se a projecção e o recuo de forças.

Deverá assim ser constituída uma autoridade que levante a bandeira da jihad e que reúna os muçulmanos em torno dela. O *DAESH* conseguiu-o; a *al-Qaeda*, para já, não.

O racional político do jihadismo é a libertação de território historicamente islâmico da ocupação não muçulmana para, a seguir, haver a implementação de um Estado, ou de um outro tipo de organização política territorial possível, onde haja uma sociedade islâmica governada pelos princípios ideológicos jihadistas.

O uso da força é fundamental no primeiro racional – implica a subversão e derrocada de um *status quo* não-muçulmano. Para o segundo racional, a força já funcionará como preservação de uma organização política, assente numa ideologia e governada pelo terror.

Há três elementos comuns nestas acções. Uma parte dos ataques foi perpetrada por "lobos solitários", e outra por "combatentes estrangeiros" que agiram sob ordens de um comando central. Em ambos os casos foram privilegiados *soft targets*. Daqui podemos inferir uma doutrina operacional para o espaço europeu.

"Lobos solitários"

São indivíduos – ou pequenas células de indivíduos – que em nome de ideologias de carácter violento perpetraram acções armadas caracterizadas por um certo isolamento operacional (Pantucci, 2011). Neles não se conhece qualquer tipo de relação directa com comandos centrais de organizações terroristas. Das estruturas centrais apenas tiram inspiração e orientação.

Porém, a ausência de ligação a uma estrutura também se traduz numa certa inépcia operacional, seja pela falta de treino e de apoio logístico, seja pela falta de financiamento.

Todavia, basta um atentado, ainda que pouco sofisticado, para voltar a colocar a ameaça terrorista a condicionar o nosso quotidiano. E tanto mais impacto o atentado terá, quando mais vulnerável for o alvo. Aí temos então os chamados *soft targets*, que estão a ser explorados pelos "lobos solitários", cujo objectivo é causar o máximo de disrupção social.

Porém, veja-se que, fruto do constrangimento operacional a que o *DAESH* está a ser acometido na Europa, os ataques com "lobos solitários" têm sido mais frequentes. A força desta táctica está na natureza imprevisível da actuação. Há mais mobilidade, logo maior dificuldade de monitorização.

"Combatentes Estrangeiros"

Representam a maior preocupação para as forças e serviços de segurança europeus. São cidadãos de passaporte europeu que, depois de radicalizados e recrutados, vão para frentes de combate jihadista, mormente na Síria e Iraque. Regressam ao país de origem com a incumbência de continuar o conflito. Esta foi a realidade do jihadismo nos anos 80, com os combatentes que partiram, de vários países do arco islâmico, para combater os soviéticos no Afeganistão. Muitos regressaram abrindo depois conflitos de sabor jihadista nos seus locais de proveniência, da Argélia à Chechénia, passando pelas Filipinas ou pela Bósnia.

Uma dimensão territorial, em jeito de proto-estado, como o *DAESH*, permite-lhes treino e doutrina operacional (Napoleoni, 2013). Possibilita-lhe também projecção e recuo. Esta é uma dimensão que a *al-Qaeda* nunca teve.

Estima-se que entre 2011 e 2015 tenham ido para a Síria e Iraque de vinte e sete a trinta e um mil "combatentes estrangeiros". Cerca de 20% a 30% terão regressado a casa. Deste contingente, há cerca de seis mil jihadistas com passaporte europeu. A maioria tem cidadania alemã, francesa e britânica (The Soufan Group, 2015).

É através deles, tendo como *safe haven* a Síria e o Iraque, que tem sido cumprida a estratégia de violência jihadista para a Europa. O *DAESH* tem utilizado a vasta rede de "combatentes estrangeiros", em particular os francófonos, para levar a cabo as suas operações.

É no proto-Estado que são treinadas as várias centenas de "combatentes estrangeiros" para as acções externas. Mas, se a rede se mantém, é porque há um suporte logístico interno. Isto é, há estruturas, disseminadas na sociedade europeia, que em comunhão com as lideranças do *DAESH* alinham estratégias operacionais.

Soft Targets

Um *soft target* tem, por regra, uma protecção ou segurança militar muito reduzida (Walt, 2015). É, por isso, uma opção fácil para um terrorista, em particular para aquele que tem pouco ou nenhum treino (e capacidade) operacional, como um "lobo solitário". Estes alvos podem incluir centrais eléctricas, estruturas energéticas, *pipelines*, refinarias, barragens, reservatórios de água, ou seja, infra-estruturas críticas cuja monitorização ao nível da segurança física não é total. Aqui o risco na acção é baixo (Chalk *et al*, 2005), mas o impacto destrutivo é muito elevado. São também *soft targets* instalações de lazer, como centros comerciais ou estádios desportivos, e plataformas de transporte. Em ambos os casos o risco também é baixo e o sucesso elevado, sobretudo se tivermos em conta o impacto social.

A aparente aleatoriedade do ataque dá uma consciência total de vulnerabilidade aos cidadãos. São locais de inevitável passagem e ajuntamento de massas, logo um ataque pouco sofisticado (e até pouco destrutivo) pode causar disrupção social.

Como exemplo temos o que aconteceu em Nice, a 14 de Julho deste ano, ou o ataque no centro comercial de Munique, no mesmo mês.

É claro que um alvo fácil pode tornar-se bem mais difícil como um grande evento desportivo ou diplomático. Aí, a vulnerabilidade tende a ser mais controlada, porque consegue ser prevista.

Também vale a pena considerar o potencial de cobertura mediática que um ataque contra determinados alvos pode gerar. Nos anos 80 dizia-se que um terrorista queria muita gente a assistir e não muita gente morta. Hoje a situação é diferente – fruto da ideologia que isso justifica – um terrorista também quer muita gente morta. Então, tendo como pano de fundo uma certa inépcia operacional, a necessidade da relação simbiótica com os media, o baixo risco do ataque, vai sempre privilegiar um *soft target* (como aliás se tem verificado nos últimos meses na Europa).

Resiliência da rede

A ameaça jihadista é muito maior do que possamos ter pensado. Ao nível operacional, para além dos ataques de "lobos solitários" inspirados na propaganda do *DAESH*, a Europa parece confrontar-se com uma rede operacional bem doutrinada, organizada e treinada. Os ataques de Paris e Bruxelas provam a resiliência desta rede. Além disso, outras células terroristas, ou possivelmente redes, podem ainda aparecer em outros lugares da Europa.

Vejamos também que, em paralelo à perigosa simplicidade dos ataques dos "lobos solitários", as operações do *DAESH* na Europa estão mais sofisticadas – Bruxelas e Paris provam que há logística e coordenação.

Esta mudança estratégica não aconteceu repentinamente: é o resultado de uma planificação estratégica de longo prazo.

O objectivo é exportar o jihadismo para a Europa e expandi-lo gradualmente, talvez com o suporte de outros proto-Estados que possam surgir. A Líbia poderá ser um deles.

Claramente, o *DAESH* ampliou o seu raio de acção para a Europa. ■

Referências

- Chalk, P.; Hoffman, B.; Reville, R. & Kasupski, A.-B. (2005). *Trends in terrorism threats to the United States and the future of the terrorism risk insurance act*. Santa Monica, CA: Rand Corporation, disponível em <http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a437042.pdf>.
- Duarte, F. P. (2015). *Jihadismo global: das palavras aos actos*. Lisboa: Marcador
- Napoleoni, L. (2013). *The Islamist Phoenix: the Islamic State and the redrawing of the Middle East*. Nova Iorque: Seven Stories Press.
- Pantucci, R. (2011) A Typology of lone wolves: preliminary analysis of lone Islamist terrorists. In Harvey RUBIN & John BEW, *Developments in radicalization and political violence*; London: International Centre for the Study of Radicalization and Political Violence; King's College London, available at http://icsr.info/wp-content/uploads/2012/10/1302002992ICSRP aper_ATypologyofLoneWolves_Pantucci.pdf.
- The Soufan Group (2015). *Foreign fighters: an updated assessment of the flow of foreign fighters into Syria and Iraq*. New York, available at http://soufangroup.com/wp-content/uploads/2015/12/TSG_ForeignFightersUpdate3.pdf.
- Walt, S. (2015). The soft logic of soft targets. *Foreign Policy*, (28 Aug), available at <http://foreignpolicy.com/2015/08/28/the-soft-logic-of-soft-targets-france-train-attack-security/>.